

Dor e indignação

No adeus a Eduardo Lobato, vítima de atropelamento na BR-040, em Nova Lima, parentes e amigos clamam por justiça. Eles pedem punição ao motorista que matou o ciclista

Misto de tristeza e indignação

GUSTAVO WERNICK

Dor, revolta, desespero e pedido de justiça na despedida do ciclista Eduardo Lobato, de 41 anos, sepultado ontem, no Parque Renascer, em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Representante de Indústria Farmacêutica, casado, residente no Bairro Ouro Preto, na Região da Pampulha, Eduardo morreu na manhã de sábado ao ser atropelado, na rodovia BR-040, em Nova Lima (RMBH), por um motorista que foi preso em flagrante pela Polícia Civil, por embriaguez ao volante e homicídio culposo.

O motorista, de 55 anos, foi encaminhado para o sistema prisional e está à disposição da Justiça. Segundo a Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG), assim que foi acionada, a perícia esteve no local e coletou vestígios para a investigação. O crime ocorreu na altura do quilômetro 563 da rodovia BR-040, trevo de Ouro Preto.

Após ser velado numa igreja batista, em BH, o corpo de Eduardo chegou ao Parque Renascer às 14h50, escoltado por mais de 100 ciclistas. Na passagem do caixão, eles formaram um corredor de muita emoção. "Até quando?", questionavam os ciclistas, formando uma corrente de indignação.

"Queremos justiça e leis que realmente punam os culpados. Precisamos sofrer na carne e no bolso. Todos os meses, somos surpreendidos com a morte ou mutilação de amigos. Há pouco tempo mesmo um amigo perdeu a perna, num atropelamento", disse, em lágrimas, o comerciante Beto Paiva, amigo de Eduardo e também ciclista. "As pessoas estão saindo embriagadas das festas, de manhã, e atropelando quem saiu cedo, de casa, para pedalar. A impunidade precisa ter um fim, precisamos de leis rígidas", completou.

"Nós, ciclistas, formamos uma família. Pelo ocorrido, minha palavra é de indignação. Clamamos por justiça", disse a administradora Lilian Brazil, de 41, ao formar o corredor.

Ciclista desde 1981, o comer-



Mais de 100 ciclistas formaram, com seus biciletas, um corredor para a passagem do caixão com o corpo de Eduardo Lobato, em momento de grande comoção no Parque Renascer, em Contagem, local do sepultamento



ciante Marcelo Franco, morador de Contagem (RMBH), contou que Eduardo era muito tranquilo, "um cara bacana, de família e prestativo, sempre disposto a ajudar quando algum ciclista que estava com o pneu da bicicleta furado".

DESESPERO A família de Eduardo Lobato, que era casado e não tinha filhos, preferiu manter a privacidade durante o sepultamento. "Ele foi desrespeitado, queremos respeito nesse momento", disse um parente.

Amparada por familiares e amigos, a viúva acompanhou parte do féretro no carrinho que conduzia o caixão. Num momento, ela pediu que Deus lhe desse forças.

Na hora do sepultamento, foi rezado o Pai Nosso, seguido de muitos aplausos a Eduardo Lobato, o "Du", como os amigos se referiram a ele.

'Bebida alcoólica é droga', diz amigo

BRUNO NOGUEIRA

Em meio ao luto pela morte de Eduardo Lobato, o amigo de longa data e também ciclista Ricardo Alcici Matos reforça que, mesmo com acidentes sendo risco para os atletas, o momento evidencia um duelo desigual. "Infelizmente, são dois opositos que conflitam, em que o mais forte que é o embriagado, em um carro grande, ceifa a vida dos mais fracos, que estão buscando saúde e são frágeis", lamentou Ricardo. Alcici é ciclista há 22 anos e bicampeão brasileiro de ciclismo de estrada (2010-2012). Ele conta que o sentimento é de impotência, pois não há nada a fazer em termos de manifestação — que para ele nunca funcionam. "A única solução são punições realmente severas para, ao menos, inibir o crime. E mudar lei e colocar como crime hediondo, com prisão de verdade", disse.

Hoje com 42 anos, Matos se aposentou do pedal profissional e é consultor e treinador esportivo, realizando treinos em grupo e individuais. Em entrevista ao Estado de Minas, ele deixou seu repúdio ao que chamou de "cultura da cerveja", e destacou que é "bebendo socialmente" que acidentes deixam pessoas mortas, como aconteceu com o amigo.

"Bebida alcoólica é droga, a expressão 'cerveja' não tem nada a ver. O filho faz 18 anos, e o pai já deixa beber com ele socialmente, mas infelizmente é do beber socialmente que acontece o que aconteceu", disse.

PERSPECTIVA Com anos de experiência no pedal e medalhas no peito, Ricardo Alcici também já se envolveu em dois acidentes graves ao longo da carreira, ambos na orla da lagoa da Pampulha, local muito frequentado por ciclistas e carros.

Em 2020, ele saiu para treinar às 5h, quando sofreu uma colisão frontal com um veículo que vinha na contramão, realizando uma ultrapassagem na orla. Entre as várias lesões, teve fraturas no joelho, tórax, clavícula e maxilar, além de contusão no pulvinho, precisando passar por cirurgia.

Dois meses depois, em julho de 2021, foi atropelado por um motorista embriagado que dormiu ao volante. Na ocasião, machucou a perna e quebrou o quadril. "Desde o primeiro acidente, comecei a usar acessórios de segurança, como um farol na frente e uma espécie de farolete piscando atrás, acho que teria evitado o primeiro. O segundo, infelizmente é algo que todo domingo de manhã a gente tem medo", afirmou.

Em sua assessoria esportiva, Ricardo treina com grupos grandes de ciclista, entre 20 e 30 alunos. Para aumentar a segurança dos atletas, ele conta com carro de apoio fazendo um tipo de "escolta". "Infelizmente, nem todo mundo consegue ter isso", completou Ricardo, ressaltando ainda a necessidade das autoridades competentes de investir em campanhas de conscientização para evitar acidentes com motoristas embriagados.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 9